

o que não se pode deixar de ver na visita de campo

Cliu – edição 2013

Ir à feira é uma experiência plena de sensações: o cheiro das coisas, as cores fortes, os barulhos (olha a banana baratinha... moça bonita não paga...), carrinho passando, vendedor de limão no meio da confusão. Em algumas feiras há roupas, utensílios, secos e molhados, peixes e flores.

Imagine que você foi à feira, viveu tudo isso e, quando voltou para casa, alguém perguntou: quanto é que estava a couve-flor? Que couve-flor? Como assim?

Teria sido melhor sair de casa para ir à feira sabendo que teria que verificar o preço da couve-flor. Todo o resto seria vivido, também, mas com um pouco de foco.

A seguir, um pequeno roteiro com perguntas que ajudam a registrar sua ida a campo.

1. Descrição

- Que lugar é este?
- Como as pessoas vivem?
- O que elas querem?
- Quais os objetivos do programa?

2. Responsáveis

- Quem são os responsáveis diretos?
- Quem são os responsáveis indiretos?

3. Parceiros

- Quem são os parceiros?
- Quais os tipos de parceria?

4. Recursos

- Recursos Humanos
- Recursos Financeiros
- Equipamentos
- Infra-estrutura

5. Formulação

- Qual o contexto, ou seja, há alguma história que conte a origem do programa?
- Qual a fonte da idéia?
- Qual a rede que permitiu a formatação

dessa idéia?

- O público beneficiário participou da formulação?

6. Etapas de implementação

- Quais as mudanças que ocorreram desde a criação do programa até hoje?
- Quais as principais dificuldades encontradas?
- Como essas dificuldades foram superadas?

7. Aspectos Legais

- O programa tem algum respaldo legal?
- A legislação garante a continuidade do programa?

8. Relações com outros programas

- Trata-se de um programa guarda-chuva?
- Como é a relação com outras políticas?
- Como são as relações interorganizacionais?
- Como são as relações intraorganizacionais?

Registro de impressões pessoais

Em relação a cada uma das perguntas do roteiro de descrição, há impressões pessoais a serem registradas. Além destas impressões, é importante, para lembrar depois, fazer anotações sobre as dificuldades ou facilidades de conseguir as informações. Isto significa tanto a construção da agenda ao longo dos dias em campo, quanto o desenrolar dos eventos que podem, ou não, permitir acessar e compreender as informações que se quer. Mas significa também, muitas vezes, registrar os deslocamentos físicos realizados. Uma distância descrita em quilômetros pode nada significar para um morador de São Paulo, mas as condições da estrada podem revelar um universo.

Nem sempre (aliás, nunca) se deve sobrecarregar as pessoas do programa visitado com as nossas impressões a respeito do trabalho ali realizado. Mas é fundamental anotar estas impressões, tanto para analisar a pertinência das impressões, quanto para permitir comparações entre as impressões dos primeiros dias e as dos últimos dias.

Não é fácil compreender o intrincado das relações formais e informais que permitem a implementação de um programa, projeto ou experiência. Anotar as relações existentes entre os diversos atores e indivíduos que se vai entrevistando permite, num segundo momento, compreender estas relações e seus desencadeamentos.

material elaborado por Veronika Paulics, Fernando Burgos e Patrícia Laczynski, São Paulo, junho 2008, Fgv-Eaes (atualizado em maio de 2013)